**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Domingo 2 de Páscoa)*



**«NÃO ESTAVA COM ELES»**

*“Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco»”...(Jo 20 / 3ª L.).* É o começo do evangelho de hoje. Em poucas palavras localiza-se a cena, embora não seja este marco geográfico-histórico o que agora nos interessa… Se repararmos, *aparece Jesus* *no meio dos discípulos* que se encontravam *reunidos*. Está aqui um apelo importante para nós, cristãos, que nos dizemos *discípulos de Jesus* como *aqueles primeiros*. Sabemos bem que é natural aos humanos – lembram-se? – essa dimensão social: o humano é um “ser em relação”. Seria normal, pois, que, tanto as alegrias e celebrações festivas como as situações de aflição e de medo, fossem “vividas em comunidade”, porque essa vivência *em comum* – quiçá o sabemos por experiência – multiplica a *alegria* e minora a *aflição*. Quer isto dizer que quem, voluntariamente, se coloca de fora da comunidade, não apenas se subtrai às vantagens da companhia dos irmãos, como, sobretudo, perde a força da presença de JESUS, que estará sempre *“onde dois ou mais estiverem reunidos”* em amizade. Para esse tal, as consequências não serão boas, infelizmente… *“Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus”… (Jo 20).* E mesmo que, no outro dia, os colegas lhe contem o que aconteceu, já não será a mesma coisa! É que a birra de *falta de fé* de Tomé não se deve tanto à sua obstinação pessoal quanto à sua privação da *força comunitária*. Porque, como diz o texto, Tomé *«não estava com eles»*. Aprendamos todos esta primeira lição!

Mas o mais lamentável na situação de Tomé (como na de qualquer um) é que, por essa carência de força interior (“graça”) que transmite a *comunidade*, perdeu a oportunidade de dar a todos uma lição de fé verdadeira, pois ele poderia ter mostrado que *“acreditava sem ter visto”*, coisa que não fez. Ainda bem que o fizeram muitos outros irmãos, já nas “primeiras comunidades cristãs”, conforme descreve Pedro na sua primeira carta: *“Sem O terdes visto, vós acreditais em Jesus Cristo; sem O ver ainda, vós O amais”… (1 Pe 1 / 2ª L.).*

Mas é principalmente na *primeira leitura* de hoje, onde *a Palavra* espelha e reflete a situação dos primeiros grupos cristãos na sua vivência «comunitária». O próprio Tomé, que imediatamente aprendeu a lição *da vida comunitária* (pois nos dias seguintes encontramo-lo já no Grupo / *“…e estava Tomé com eles”*) este mesmo Tomé, como é fácil imaginar, formava parte daquelas primeiras *comunidades cristãs* que descrevem os *Atos dos Apóstolos*. *“Os irmãos eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”... (At 2/1ª L.).* Não se pode dizer mais e melhor com menos palavras. E nós – aqui e agora – temos muito que aprender nas nossas comunidades e famílias cristãs (que, se calhar, ainda não são “verdadeiramente cristãs”!). Se prestamos atenção aos termos do *texto*, saltam à vista as *palavras-chave*. Logo a primeira, *“Os irmãos”*, mostra a essência de tudo: *irmãos* no Filho Jesus, porque todos filhos do mesmo Pai Deus; é este o sentido profundo da *fraternidade* comunitária. A seguir, *“eram assíduos”* reflete a dimensão de fidelidade, tão imprescindível para tudo, e que, na nossa sociedade de hoje, infelizmente “brilha tanto pela sua ausência”. Depois, *“comunhão fraterna”* reforça a *comum-união* de todos, como *irmãos*, em volta de Cristo, o Irmão mais velho, que se entregou, na fragmentação e re-partição do Seu Corpo, em Alimento de Vida (*“na fração do pão…”*). E mais: *“Todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum”...(At 2).* Alguém poderia pensar que com isto já está tudo dito acerca do que deve ser uma autêntica e verdadeira comunidade cristã. Mas esta seria apenas – embora *essencial!* – a sua dimensão «ad intra», para o interior, e então faltaria a sua projeção externa («ad extra»), condição sem a qual, *a comunidade* também não tem sentido.

Vemos então, até que ponto a VIDA do Jesus Ressuscitado («Ele Vive, tu Vives, eu Vivo» – lembram-se? – ) essa Vida, conquanto invisível, foi, é e será sempre, capaz de transformar a vida das pessoas e das comunidades, por dentro e por fora, como esses *círculos concêntricos* (produzidos num lago em calma quando, por exemplo, um peixinho pula e salta para o exterior da superfície), círculos esses que se alargam progressivamente até ao fim… dos tempos. E, se toda a *vida* natural, por definição, é para *se reproduzir*, ainda mais o será a VIDA sobrenatural! *“E partiam* (partilhavam) *o pão em suas casas; tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se”. (At 2 / 1ª L.).* Está bem clara a *regeneração* e *multiplicação* dessa VIDA.Pois… CRISTO continua VIVO !!! Aleluia!

Diga a “Igreja dos ressuscitados”:

é eterna a sua misericórdia!

Diga a grande Família do Pai Deus:

é eterna a sua misericórdia!

Digam os infinitos irmãos do Jesus Vivo,

todos os filhos do Senhor:

é eterna a sua misericórdia!...

Ainda que me envolvam os perigos

e os malvados me empurrem para cair,

eu sinto-me forte ao abrigo e proteção

do lar seguro da nossa comunidade!

Gritos de júbilo e de vitória,

nas tendas e comunidades dos fiéis:

a mão do Senhor fez maravilhas!

Nós sabemos que a *pedra rejeitada*

era Cristo Jesus Ressuscitado e Vivo,

e como tal, veio a ser a *pedra angular*

de todo o Edifício Comunitário…

E sabemos que tudo isto veio do Senhor,

e que é admirável aos nossos olhos.

Exultemos e cantemos de alegria!

 [ do Salmo Responsorial / 117 (118) ]